

ROBERTO JENKINS DE LEMOS

Ilustrações

MARCELO MARTINS

# FURO DE REPORTAGEM



11ª edição

 **Editora  
Saraiva**

*Editora:* CLAUDIA ABELING-SZABO

*Suplemento de trabalho:* GISLENI BERTONI DE ALMEIDA

*Preparação de texto:* CARMEM TERESA SIMÕES COSTA

*Coordenação de revisão:* LIVIA MARIA GIORGIO

*Gerência de arte:* NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

*Supervisão de arte:* JOÃO BATISTA RIBEIRO FILHO

*Produtor gráfico:* ROGÉRIO STRELCIUC

*Impressão e acabamento:*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Lemos, Roberto Jenkins de

Furo de reportagem / Roberto Jenkins de Lemos ; ilustrações  
Marcelo Martins. — 11. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009. —  
(Jabuti)

ISBN 978-85-02-08209-0

1. Literatura infantojuvenil I. Martins, Marcelo. II. Título. III. Série.

97-4244

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

11ª tiragem, 2019

**Saraiva Educação S.A.**

---

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros  
CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061  
www.coletivoleitor.com.br  
atendimento@aticascipione.com.br

---

Todos os direitos reservados à Saraiva Educação S.A.

CL: 810054

CAE: 571350

# Sumário

- 1** Cadê dona Margô?, 5
  - 2** Fechamento do jornal, 5
  - 3** A espera nervosa, 16
  - 4** Panos aos ventos, 23
  - 5** A cabeça branca na janela, 35
  - 6** Moreira no pedaço, 45
  - 7** A horrível trama dos alemães, 57
  - 8** Para com isso, Chicão, 74
- Epílogo** ou Pensamentos noturnos, 94



# 1

---

## Cadê dona Margô?

— Acho que dona Margô sumiu!

— Como é que é?!

— É isso mesmo, Laura. Nem os passarinhos estão cantando por lá...

— Corta essa, Chicão. Deixe de criar mistérios, pô!

— Ô Décio, eu sei do que estou falando, cara. Passo lá duas vezes por dia desde que estou na escola. Sinto a coisa no ar.

— Bem, ela pode ter saído de casa...

— Terê, é diferente. Aconteceu alguma coisa, tenho certeza.

A casa tá fechada, mas tem gente lá.

Na hora do recreio daquela segunda-feira nosso amigo Chicão estava preocupado de verdade.

Mas por que este papo estava rolando?

# 2

---

## Fechamento do jornal

— Olha aqui, Marcos: temos de fechar o jornal até amanhã ou vamos perder a data...

— Tudo em cima, Laura. Minha parte está feita e agora só falta a do Chicão.

— Tem hora que o Chicão me deixa com raiva — comentou Tereza —, ele é descansado demais.

— Lá vem ele... e pelo jeito, não vamos fechar o jornal.

— Não implica, Décio.

Chicão era bem troncudo e entrou no pátio da escola carregando a mochila por cima do ombro, a outra mão no bolso e olhando para o chão. E vinha devagar.

— Boa tarde, Chicão — Laura cutucou o amigo atrasado. — E aí, cara?

— Oi, turma, tudo bem?

— Trouxe a sua matéria? — Décio foi direto.

— Xi! Deixei lá em casa.

A bronca foi geral e teria sido maior se o sinal não tivesse tocado.

\* \* \*

Os cinco amigos eram os responsáveis pelo jornalzinho da escola, *O Espaço*. A ideia fora de Laura, imediatamente apoiada por Décio (registre-se: os dois eram considerados os melhores alunos do nono ano da Escola Municipal Delmiro Gouveia).

Colegas desde o Pré, formavam a equipe de *O Espaço*: Laura e Décio eram os redatores do jornal; Chicão atuava como repórter, “o buscador de matérias”, como ele próprio se anunciava; Tereza cuidava da datilografia dos estênceis, tarefa na qual era ajudada por sua mãe; e Marcos era o responsável pelos anúncios; isso mesmo, o jornal tinha até uma página de anúncios!

Dona Gilda, a diretora da escola, dera a maior força para a ideia, e, quando Tereza chegava com os estênceis prontos, o mimeógrafo da escola ficava por conta do jornal — ela só pedira ao quinteto que desse um jeito de arrumar o papel para rodar o jornal, razão pela qual Marcos corria atrás de publicidade; os anúncios podiam ser pagos em dinheiro ou em cem folhas de papel ofício. Eles até já haviam conseguido um bom estoque de papel. A outra regrinha de dona Gilda é que não poderiam usar o mimeógrafo às quintas-feiras, dia de rodar provas.

Já estavam no terceiro número, e os colegas enturmaram na ideia: todo mundo queria escrever em *O Espaço*.

Laura reclamava que tinha mais poesia do que tudo: “Gente, não podemos ser um jornal só de versos! Tem de ter matéria corrida, textos, precisamos falar do bairro, da comunidade, se não os anúncios vão diminuir”.

Aí estava a razão da bronca em cima do Chicão: na pauta daquele número fora decidido que cada um teria de escrever sobre temas diferentes. Assim, coube ao “repórter” Chicão fazer duas entrevistas com moradores locais, focalizando o que eles achavam de serem vizinhos da escola. “Nossa vizinhança fala” foi o título da matéria... e Chicão pisara na bola!

\* \* \*

No recreio, Laura explicava sua posição para Tereza e Décio:

— Depois de lermos a matéria do Chicão conferindo a gramática, Terê tem de datilografar tudo. E se ele não trouxer hoje, amanhã não vai dar pra fecharmos o jornal.

— Você tem razão — apoiou Décio. — E aí, não conseguiremos rodar o jornal na quarta... e quinta, não dá.

— O jornal vai sair atrasado — concluiu Tereza.

— A não ser que...

— Que o quê, Décio?

— ... bem, depois da aula vou com o Chicão, pego o texto e levo na sua casa, Terê.

— Se você pudesse fazer isso, Décio, seria ótimo. Eu vou pra lá e faremos o copidesque juntos. Só que você vai chegar em casa bem tarde.

— E tem outra solução?

— É! Deixar pro Chicão ir na casa da Terê vai acabar dando zebra. Aposto que ele ainda não escreveu nada. Deixa que eu ligo pra sua casa dizendo que você vai atrasar um pouco.

— Falou, Laurita.

\* \* \*

Chicão e Marcos eram da outra turma do nono e, quando tocou o sinal do recreio, ficaram um pouco na sala.

— Fiz não, Marcos. Tô supergrilado com um caso...  
— Mas que caso, Chicão?  
— Dona Margô sumiu, cara!  
— Epa, isso é papo pra rolar com todo mundo. — E Marcos foi saindo da sala, meio conduzindo Chicão.

Quando se encontraram com os outros, aconteceu a conversa do início.

— É isso aí, gente, tô supergrilado com esse negócio.

— Peraí, conta mais um pouco.

— Na sexta, fui lá depois da aula pra levar o papo da entrevista, e a casa estava fechada. “Bem”, pensei, “ela deve ter saído, volto depois”. Almocei e voltei. Nada, tudo fechado. Então fui entrevistar o velho Salatiel, o sapateiro. Fiquei com ele até começar a novela das sete...

— Menos mal, pelo menos temos uma entrevista.

— No sábado voltei na dona Margô. Tudo igual. Até pior: o gato dela estava miando na porta do lado, aquele miado comprido, que nem choro de criancinha.

— Vai ver que ela foi visitar alguém, ora.

— Nada disso, cara, pode crer. Na quinta estive lá e ela não disse nada. Vá lá que ela tenha resolvido sair depois que passei por lá... mas, e os passarinhos e o gato?

— Peraí, chapinha. A velhinha não iria levar os bichos com ela, iria?

— Aí é que tem, Marcos. Ela não levaria, mas onde é que eles ficariam? Lá está um silêncio só, e essa do gato ter ficado do lado de fora... Olha, desde que me entendo por gente, só umas duas vezes ela precisou passar uns dias fora, mas aí pediu pra gente dar comida aos passarinhos e ao gato, pra minha mãe e pra dona Matilde, uma vizinha lá da rua.

— É, pode ser estranho — Marcos nem sabia o que dizer, pois ele não era chegado à dona Margô.

— E tem gente lá na casa dela.

— Ora, então está explicado. São amigos dela que estão tomando conta da casa. Ela precisou sair e chamou os seus amigos — concluiu Tereza.

— Preste atenção que não é tão simples assim: quando vi o gato miando na porta, pensei comigo que dona Margô devia estar em casa, pois gato é bicho esperto e não ia ficar de bobeira ali, se ela não estivesse em casa. Aí, me assustei: e se ela tivesse passado mal?

— É... podia ter acontecido. Mas você não disse que tinha gente lá?

— Calma, Décio, não afoba. Fiquei assustado, pois na sexta eu devia ter batido na porta. Fui lá e bati. Bati e chamei por ela.

— !!!

— ...e nada, nem um barulho. Meu coração disparou, gente. A velha morreu, foi o que pensei.

— Calma, Chicão. Bem... é, ela podia ter passado mal... mora sozinha...

— E não é isso?! Resolvi ir chamar meu velho para ver o que a gente podia fazer.

— Boa, seu Francisco é gente fina.

— Saí meio depressa e não tinha andado uns duzentos metros, quando uma kombi passou e parou na casa de dona Margô.

— E aí? — Tereza agora estava ligadona.

— Um casal desceu da kombi e entrou na casa, a mulher carregava um pacote de bom tamanho. Bem, se havia gente lá seria fácil saber de dona Margô. E voltei. Voltei e bati na porta.

— !!!

— O gato continuava miando, agora nos fundos da casa. Bati de novo e a porta se abriu.

— Dona Margô!

— Negativo. Foi um homem bigodudo. Nem deixei ele falar nada e perguntei por dona Margô.

“Marrgô num estarr. Fiajou na... é... domingas. Eu tomarr conta do seu casas”.

— Ué, mas você não disse...

— Calma, Terê. Deixe o Chicão contar — cortou Laura.

— No domingo uma ova, pensei. Mas o que é que ia dizer? O cara falou e ficou ali me olhando. Não dava pra ver nada lá